

APRESENTAÇÃO

Com grande satisfação trazemos ao conhecimento do leitor da Revista Pegada os textos que compõem o 1º número do 17º volume, que corresponde a Julho de 2016. Como tem sido praxe da nossa publicação, as contribuições vão desde abordagens de cunho mais teórico-metodológico até investigações de facetas particulares do mundo do trabalho atual, em diferentes setores produtivos e regiões brasileiras.

A relação entre a imposição do projeto neoliberal no Brasil (iniciada na década de 1980) e a flexibilização das políticas trabalhistas, com conseqüente fragilização das condições de emprego e trabalho que levaram a classe trabalhadora a uma situação de extrema precariedade, é o objeto esquadrihado por Isabella Vitória Castilho Pimentel Cardoso em seu artigo.

O ensaio assinado por Guilherme Marini Perpetua procura estabelecer um frutífero diálogo entre três campos disciplinares distintos, a Sociologia do Trabalho, a História Social do Trabalho e a Geografia do Trabalho, evidenciando a indissociabilidade de elementos teóricos, políticos e metodológicos que podem ocultar ou trazer à tona os sujeitos que trabalham no contexto da metamorfose do mundo do trabalho atual.

Ivana de Oliveira Gomes e Silva e Paulo Lucas da Silva, por sua vez, procuram discutir o conceito de território face aos sucessivos reordenamentos territoriais da Amazônia brasileira e, particularmente, dos elementos concretos envolvidos na territorialização da construção da UHE de Belo Monte e seu par dialético, o movimento de adaptação e resistência empreendido pelos movimentos sociais, no sudoeste paraense.

Fernanda Oliveira Rodrigues e Wesley Borges Costa enfocam os conflitos por água causados a partir da implantação do Projeto de Mineração Pedra de Ferro pela empresa Bahia Mineração nos municípios de Caetitê e Pindaí (BA), discutindo, a partir deste caso, as políticas de desenvolvimento territorial e gestão das desigualdades e da pobreza e o papel do Estado nas transformações econômico territoriais no Sertão da Bahia.

Na seqüência, a realidade laboral precária à qual se submetem os coletores de lixo domiciliar urbano da cidade de Presidente Prudente/SP, com ênfase aos riscos e agravos à saúde dos trabalhadores, é tema do artigo assinado por João Vitor Ramos da Silva. A partir de criteriosa investigação sobre o assunto, é possível, afirma o autor, estabelecer uma clara conexão entre o trabalho na coleta de lixo e os acidentes/agravos sofridos pelos trabalhadores do setor em questão.

Marcelino de Andrade Gonçalves, Flávia Akemi Ikuta e Júlio Cezar Ribeiro analisam a complexa e preocupante questão do lixo, materializada no espalhamento de resíduos oriundos da produção destrutiva, com foco em um segmento da classe trabalhadora global, o dos trabalhadores catadores de resíduos sólidos urbanos.

O texto de Natália Caroline Silva Nery e Joelma Cristina dos Santos debruça-se sobre a situação de marginalização e precarização dos trabalhadores migrantes – em geral nordestinos – que habitualmente deslocavam-se para o corte da cana no Triângulo Mineiro, após as mudanças promovidas pela mecanização do corte da cana-de-açúcar, pelo fim das queimadas e pela falência de agroindústrias canavieiras na região de Ituiutaba (MG).

Ainda no âmbito da migração, as novas tendências migratórias no Brasil contemporâneo são analisadas sob a ótica da mobilidade do trabalho no artigo de autoria de Silmara Oliveira Moreira e Jânio Santos. Os autores estabelecem uma instigante relação causal entre migrações temporárias de trabalhadores para pequenos municípios e a plasticidade fragmenta suas vidas no contexto da reestruturação produtiva do capital.

À discussão em torno da participação da participação das mulheres nos sindicatos docentes de Presidente Prudente (SP), sob a ótica geográfica, dedicam-se Jane Rosa da Silva e Ricardo Pires de Paula. Os autores chegam a conclusão de que a fragmentação corporativa-categorial-territorial – característica do sindicalismo de Estado – é um limite para a atuação unificada das trabalhadoras(es), bem como, para que se realizem discussões acerca da questão de gênero nos sindicatos docentes.

Em seguida, a discussão sobre as(os) varredoras(es) de rua e a relação entre trabalho e desconforto térmico é tematizada por Lidiana de Pinho Mendes e José Tadeu Garcia Tomaselli. Os resultados da pesquisa indicam a existência de “bloqueios”, explicados pelas(os) autoras(es) ao longo do artigo, que impedem as(os) varredoras(es) de manifestar a realidade de suas rotinas laborais, bem como, o desconhecimento da condição de vulnerabilidade e da própria Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

Depois, o artigo de Ana Paula Lopes Ferreira, se baseia em pesquisa realizada com duas organizações: a Casa da Mulher do Nordeste e o Centro Sabiá situadas no Sertão do Pajeú, Semiárido de Pernambuco. Nesta, a autora aponta para a importância da agroecologia na vida das mulheres agricultoras, porém, em suas considerações, é preciso adotar a perspectiva feminista por tais organizações, já que seria a forma efetiva de problematizar o papel das mulheres no trabalho produtivo e de levar em consideração as desigualdades de poder enfrentadas pelas mulheres no âmbito da sociedade contemporânea.

Posteriormente, a discussão sobre a educação formal de jovens e adultos é pautada por Valdir Skrzypczak et al. a partir de uma abordagem crítica, com o objetivo de compreendê-la nas suas relações com o capital agroindustrial no município de Xaxim (SC). Os(as) autores(as), apontam que se trata muito mais de (des)qualificação impostas pelo capital aos trabalhadores do campo e da cidade.

Ainda, na nossa penúltima contribuição, Suzane Tosta Souza et al. procuram evidenciar a centralidade da categoria trabalho no âmbito da Geografia. No artigo, os autores defendem que o espaço geográfico é produção social e histórica e por isso só pode ser analisado por meio do trabalho.

Por fim, Paulo Henrique Schlickmann fecha a presente edição com a resenha do livro “Abordagens e concepções do território”, de Marcos Aurélio Saquet.

Boa leitura!

Comissão editorial